

## RUA CORNÉLIO PENA

Lei nº 2258 de 11-02-1960

Formada pela rua 23 do Jardim Santa Eudóxia

Início na rua Henedina Oliveira Bresler

Término na divisa do loteamento

Jardim Santa Eudóxia

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal

Miguel Vicente Cury.

## CORNÉLIO PENA

Cornélio Pena nasceu em Petrópolis em 20-fevereiro-1896 e faleceu no Rio de Janeiro em 12-fevereiro-1958. Vindos de Pindamonhangaba, seus pais fixaram residência em Campinas, matriculando o menino Cornélio, na classe da profa. Alda do Amaral, já revelando sua propensão para a difícil arte de escrever, pois sua mestra não acreditava serem de sua autoria as composições que apresentava. De 1908 a 1913, fez o curso ginásial no Ginásio "Culto à Ciência" revelando precocidade, pois enquanto seus colegas só liam Verne e Ségur, Cornélio já lia Camilo, Alencar, Machado de Assis, Scott. Em 1914 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, fase em que tomou contato com grandes autores russos: Dostoiowski, Tolstoi, Turgueneff. Em 1919 foi para o Rio de Janeiro, dedicando-se à pintura. Fez o ex-libris de Théo-Filho e as capas de dois livros desse escritor: "A Ilha Selvagem" e "Impressões Transatlânticas". Fez algumas incursões pela literatura, escrevendo contos e crônicas para "O Jornal". Tornou-se, ainda, funcionário do Ministério da Justiça. Em 1927, deixa a aventura artística, para se dedicar de corpo e alma para a literatura. Publicou "A Fronteira", em 1936, "Dois Romances de Nico Horta", em 1939, "Repouso" em 1948, e "A Menina Morta", em 1954, ganhando com este seu último romance, o Prêmio Carmem Dolores Barbosa", de São Paulo.



**LEI N.º 2258, DE 11 DE FEVEREIRO DE 1960**  
**DÁ O NOME DE CORNELIO PENA A UMA RUA DA CIDADE**

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Cornelio Pena, a Rua 23 do Jardim Santa Eudoxia, a qual tem inicio na Rua 22 desse mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paco Municipal de Campinas, aos 11 de fevereiro de 1960.

Miguel Vicente Cury — Prefeito Municipal

Engo. Alberto Jordano Ribeiro — Sec. de Obras e Servs. Públs.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 11 de fevereiro de 1960

Alvaro Ferreira da Costa — Diretor do Dep do Expediente



N. 20.02.1896 **CORNÉLIO PENA**  
FAL. A 12-2-58



Cornélio Pena

Com a morte de Cornélio Pena — ocorrida no dia 12 deste — perdeu a nossa literatura um grande escritor. Deixou ele apenas quatro romances: — mas quatro romances da melhor qualidade artística e estruturados com um rigor estético que, desde logo, os situaram lado a lado dos maiores livros de ficção da literatura brasileira contemporânea. Característica marcante da personalidade literária (e humana) do autor de "Fronteira": sua absoluta identificação com a solidão. Sempre esteve

convencido de que para a obra de criação — sobretudo a que ele sentiu e imaginou — somente a solidão lhe daria o clima necessário. E, coerente com esse silêncio que foi uma espécie de sombra a acompanhá-lo pela vida, era homem de poucas palavras, alheio às manifestações fáceis. Viveu para a sua arte, mas viveu com humildade, com esse respeito pela criação que marca os verdadeiros artistas.

De 1908 a 1913, fez o curso ginasial no "Culto à Ciência", colégio do qual foi professor o romancista Coelho Netto. Em 1914, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo. Aí esteve durante cinco anos. Foi nessa fase de sua vida que tomou contato com os grandes autores russo: Dostoiewski, Tolstoi, Turgueneff (no ginásio sua grande paixão literária fora Camilo e, posteriormente, Machado de Assis). Em 1919, vindo para o Rio, Cornélio Pena, resolveu dedicar-se à pintura. Fez o ex-libris de Théó-Filho e as capas de dois livros desse escritor: "A ilha selvagem" e "Impressões Transatlânticas". Mas também fez algumas incursões pela literatura, escrevendo contos e crônicas n' "O Jornal". Tornou-se, ainda, funcionário do Ministério da Justiça. Mas a aventura artística terminou melancolicamente em 1927, após uma exposição de quadros que fez na Associação Comercial.

— Minha pintura é apenas literária — disse:

Voltou-se, então, de corpo e alma para a literatura. E uma velha idéia que o atormentava — uma história que teria por cenário a cidade de Itabira — acabou por levá-lo definitivamente para a literatura. Foi assim que surgiu "Fronteira" — um dos mais belos romances de nossa literatura — publicado em 1936 pela editôra Ariel, de que era diretor o romancista Gastão Cruls, seu amigo fraternal.

"Fronteira", se não teve sucesso de público, teve enorme repercussão nos meios literários, tendo sido saudada por Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima e Otávio de Faria, entre outros.

1939 — novo livro: "Dois Romances de Nico Horta"; em 1948: "Repouso", onde a paisagem e os tipos humanos de Itabira voltaram às preocupações do escritor. E, em 1954, seu último romance: "A Menina Morta" (Prêmio Carmen Dolores Barbosa, de São Paulo).

Em 1943, casou-se com Maria Odília de Queiroz Matoso. Não teve filhos.



## Cornélio Penna

Milton Segurado

As Gerais não nos deram "apenas" poetas do quilate de Murilo Mendes e Drummond, mas romancistas do estofado de Ciro dos Anjos, Lúcio Cardoso e Cornélio Penna. Sem falar em "um certo João". Mineiro de Petrópolis, passou aqui Cornélio Penna doze anos de sua infância. Vindo de Pindamonhangaba, sua família aqui se instalou, tendo sido matriculado, por proteção do prof. Artur Segurado, na classe da profa. Alda do Amaral - que não acreditava serem de sua autoria as composições que apresentava. Enquanto os meninos só liam Verne e Ségur, Cornélio já lia Camilo, Alencar, Scott. Morou na rua Francisco Glicério, uma quadra acima de onde residia o padre Ribas, entre Marechal Deodoro e Barreto Leme - na mesma casa onde depois residiram Homero Camargo e parentes do Dr. Sousa Ribeiro.

É o mais misterioso de nossos romancistas. Seus romances estão cheios de sombras e vultos vindos do invisível. Em "O Empalhador de Passarinhos" acha mesmo Mário de Andrade que ele abusa do misterioso, no artigo "Romances de um antiquário" - belíssima página crítica, a que Penna respondeu com violenta carta ao crítico. É autor de quatro romances - "Fronteira", "Dois romances de Nico Horta", "Repouso" e "A Menina Morta", considerado o melhor - trabalho de cinco anos. Não é autor, por sua felicidade, para grande público. Este que se contente com a epiderme de Érico Veríssimo, excelente para o lazer das solteironas do crochê. Ainda falta um estudo que abranja a sua obra completa: "Não creio nem no que toco e nem no que vejo, creio unicamente no que sinto."

(De fls. 2 do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 17-abril-1982).



## 12 de fevereiro

G. A. Penteado

**1958** Morre no Rio de Janeiro o romancista Cornelio Pena, nascido em Petropolis a 20 de fevereiro de 1896. Iniciou os estudos em Campinas e formou-se bacharel, em 1919, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Colaborou em jornais, dedicou-se à pintura e expôs seus quadros no Rio de Janeiro, publicando seu primeiro romance "Fronteira", em 1935, e, a seguir, "Dois Romances de Nico Horta", "Repouso" e "A Menina Morta". Era catolico, experimentou influência do grande místico São João da Cruz e a seu respeito, disse Mario de Andrade: — "Alma de colecionador, o romancista capta, evoca e desenha com raro poder dramático" e Afranio Coutinho: — "Em Cornelio Pena sobressai a consciencia artistica, o gosto da técnica e do artesanato".

\*